



A ESTRATÉGIA CUBANA NA ÁFRICA: A LONGA ESTRADA DA AMBIÇÃO

Roger W. Fontaine

RESUMO

A guerra de "duas frentes" deflagrada por Cuba no Continente Africano, motivada pelas ambições dos irmãos Castro e pelas prévias frustrações na América Latina, não alcançou seus objetivos. Em Angola, o regime dos sucessores de Agostinho Neto (agora com plenas credenciais comunistas) ainda não se assegurou totalmente contra as forças rivais no país; nem foram atingidas as metas cubanas e soviéticas, no que concerne ao Zaire e à Namíbia. No Chifre da África, enfrentam os cubanos o embaraçoso dilema de pesar o risco ideológico e político contra os aceitos da Etiópia para um apoio total na guerra contra os rebeldes da Eritreia.

O título deste artigo sugere duas perguntas. Tem Cuba uma estratégia? Mais especificamente, tem Cuba uma estratégia africana? A resposta à primeira pergunta é afirmativa. A segunda pergunta

exige um sim suplementar — ou seja, a África é apenas parte de um plano mais amplo prefigurado pelo regime de Havana. Neste contexto, quer-se dizer por "estratégia" o sistemático compromisso de forças contra adversários, em ocasiões, em lugares e por motivos que se escolher.

Se Cuba tem tal estratégia, não é ela estritamente independente. Os gambitos de Havana estão estreitamente ligados às ambições soviéticas. Evidentemente, esse problema de articulação tem suscitado consideráveis debates no Ocidente, em que se acusam os cubanos de mercenários da União Soviética — uma Legião Estrangeira Russa subserviente dos ditames de Moscou, gurcas das Caraíbas.

Tal descrição não é correta. Há muito tempo, observou Maquiavel que os mercenários são desprezíveis — "desunidos, ambiciosos, indisciplinados, desleais... Não têm eles outro amor ou outra razão para estar num campo de batalha senão

um magro estipêndio, insuficiente para fazê-los querer morrer por alguém". Como sabem os soviéticos e crescente número de vítimas africanas, esta não é uma precisa caracterização das forças armadas cubanas.

Apropriadamente, a China Continental rotulou as forças cubanas de "auxiliares", em vez de mercenárias — para (por falar nisso) o desagrado de Havana. Por auxiliares não se quer dizer meras armas de aluguel — embora Maquiavel, que corretamente distinguiu entre mercenários e auxiliares, tenha, não obstante, amesquinhado esta última palavra, taxando-a de "outra espécie de exércitos inúteis". Ele chegou a essa conclusão porque, em sua experiência, os auxiliares tinham o hábito de lutar demasiadamente bem, pondo assim também em risco o seu patrocinador. Naturalmente, a superpotência União Soviética não abriga nenhuma verdadeira apreensão no que diz respeito a isso, *vis-à-vis* o seu auxiliar cubano.

Os Geradores Básicos da Ação Cubana

Contudo, dois conjuntos de interesses estão claramente em jogo na África: o soviético e o cubano. Embora similares, não são eles idênticos, e devemos distingui-los, se quisermos compreender acontecimentos passados e futuros na África.

Os interesses soviéticos não são difíceis de compreender e não precisamos perder tempo com eles. A criação de regimes marxistas dependentes na África, a pequeno custo e pouco risco, é manifestamente uma vantagem para a União Soviética, particularmente se a posição estratégica de Moscou melhora com isto. Nesse empenho, servem as tropas cubanas de instrumentos convenientes. Não sendo Cuba um membro oficial do Pac-

to de Varsóvia, mas um participante confesso do "movimento não-alinhado", os cubanos são mais "aceitáveis" para os africanos, cautelosos com o peso direto da presença militar da superpotência em seu Continente.

Os motivos de Havana são mais complexos que os de Moscou. Em primeiro lugar está o motivo ideológico. Formam a liderança cubana sinceros marxistas, convencidos da exatidão de seus pontos de vista históricos — pontos de vista que projetam a dominação do planeta pelos regimes socialistas. São eles também leninistas que acreditam em que o seu país pode estimular esse processo histórico mediante a ação direta. Justificam-se tais ações como "dever proletário internacional" auto-imposto — uma frase muito em voga na Havana de hoje, destinada a chamar a atenção.

Relativamente à África, Fidel Castro foi muito explícito em uma entrevista, em 1977:

"Não posso dizer se toda a África está caminhando ou não para um regime marxista-leninista. E não posso porque há nações africanas sob poderosa influência religiosa, islâmica, que determina a sua filosofia política. Por outras palavras: Se me perguntarem se toda a África será socialista algum dia, responderei que sim. Pois, estou convencido de que, um dia, ela o será. Mais ainda, uma parte da África, uma parte importante da África, está trabalhando, levando a cabo um profundo processo social. Alguns países o farão sob os princípios do marxismo-leninismo; outros, sob os princípios do Islã, e outros, possivelmente, quem sabe?, sob os princípios do humanismo cristão. Todavia, estou convencido de que a ordem econômica social de toda a África será socialista, por isso que não há alternativa."

Esses pontos de vista universais combinam-se convenientemente com o ego pessoal. Governam Cuba dois homens sumamente ambiciosos — Fidel e Raul Castro, nenhum dos quais tem-se mostrado modesto em seu pretendido papel na História de Cuba e na mais ampla História do Mundo.

Entretanto, as ambições dos irmãos Castro não têm sido tratadas com indulgência, no longo período que vem desde a crise dos mísseis cubanos. A "liberación" da América Latina, anunciada na II Declaração de Havana, de janeiro de 1962, não se materializou. O abjeto fracasso de Che Guevara na Bolívia não foi o primeiro nem o último revés sofrido pelos impacientes revolucionários cubanos na América Latina. Além disso, experimentou Fidel Castro a frustração de ver-se à margem da Guerra no Vietnã — uma luta para a qual voluntariamente ofereceu tropas, que não foram aceitas por Hanói.

Simultaneamente, registraram-se frustrações na frente externa e fracassos na frente interna. Os primeiros anos da grande experiência do regime Castrista produziram problemas econômicos ainda maiores — problemas criados por mau projeto *fidelista* após outro, projetos que culminaram no pior de todos, a *safra* de dez milhões de toneladas, em 1970. Não só não se produziram dez milhões de toneladas de açúcar, senão que a economia do país também quase soçobrou no processo.

A mais acerba frustração deve tê-la experimentado Raul Castro. Durante aquela década, descambou ele para uma relativa obscuridade. Na qualidade de Ministro da Defesa, sua principal tarefa era adestrar as forças armadas cubanas, que, como todos os exércitos em tempos de paz, impacientavam-se com a

inação. Assim, a ideologia, a ambição e um cortejo de desapontamentos, tudo contribuiu a aumentar a sede de aventuras estrangeiras — no gênero das que lhes tinham sido negadas na América Latina.

O mergulho de Cuba na África foi grande. Esta análise focalizará a estratégia cubana nas principais arenas do momento: Angola e Chifre da África. Como demonstraremos, a guerra cubana de duas frentes na África está longe de acabar.

Cuba em Angola

Angola representa a mais velha e, paradoxalmente, a menos bem sucedida aventura de Cuba na África (três anos). Esta falta de êxito dificilmente pode atribuir-se a uma falta de esforço. Os frios dados estatísticos são impressionantes. Atualmente, Cuba mantém mais de 20 mil homens de tropas de combate e talvez 10 mil civis no apoio do auto-declarado regime marxista-leninista dos sucessores de Agostinho Neto, em Luanda. Ademais, Cuba treinou em solo angolano pelo menos dois outros grupos de guerrilheiros, a Organização do Povo da África Sul-Occidental (OPASO) e a chamada Frente de Libertação Nacional do Continente (FLNC) — atual título dos irregulares catangueses. Nenhum desses esforços, todavia, atingiu plenamente seus objetivos.

O MPLA não derrotou seus três inimigos e a OPASO ainda não é uma real ameaça para a África do Sul e Namíbia. Apenas os catangueses (que, ironicamente, receberam a menor ajuda dos cubanos) parecem estar à beira de algum êxito.

Não obstante, os objetivos cubanos (e agora soviéticos) naquela região continuam firmes. O primeiro objetivo é preservar e proteger o MPLA de Agostinho Neto e seu governo em Angola. O

segundo é criar em Angola um seguro e dependente aliado comunista, cujo território possa ser usado em efetivas atividades de subversão nos países vizinhos da Namíbia e Zaire.

Os instrumentos na busca desses objetivos são o profuso suprimento de armas soviéticas, bem como o emprego de soldados e de um quadro civil cubanos. Muito já se escreveu acerca do esforço militar de Cuba em Angola, mas muito pouca atenção tem-se dado às atividades dos corpos civis em Angola.

Havana tentou retratar seus nacionais não-uniformizados em Angola como uma espécie de Voluntários da Paz, mas a descrição está muito longe da realidade. Primeiramente, os "civis" cubanos estão sendo usados em apoio direto de atividades militares, principalmente em trabalho de construção. Depois, Havana mandou a Angola o chamado Destacamento de Ensino Internacionalista Che Guevara, integrado de 732 professores (primários e secundários), cuja principal tarefa é doutrinar a população. Até aqui, a base política do MPLA no país continua mostrando sinais de debilidade, com a grande maioria dos angolanos sob seu controle ignorando completamente os mais simples rudimentos do marxismo. Não pode criar-se uma base sólida sem maciça assistência estrangeira, e Havana pretende prover o gênero de ajuda de que dispõe em abundância: treinados "apparatchiks".

Não obstante, a instituição e proteção de Agostinho Neto e do agora seu substituto, e também de sua *entourage* não têm sido fácil. Os rivais do MPLA, principalmente a UNITA, no sudeste de Angola, e a FNLA, de Holden Roberto, ao norte, continuam a mostrar ativa oposição. As repetidas incursões àquelas áreas levadas a cabo pelo braço militar do MPLA, FAPLA, em cooperação com

as tropas cubanas e (talvez) com assessores da Alemanha Oriental, não tiveram êxito, a despeito do livre emprego de blindados, artilharia pesada, poderio aéreo (com o uso de napalm) e deliberada brutalização da população civil. Uma dessas atividades começou a 8 de março de 1978, prolongando-se até a primeira quinzena de abril. Teve início com um ataque contra Meningue (Serpa Pinto), no centro-sul de Angola. Desfecharam esse ataque onze batalhões de Cuba e da FAPLA. A expedição repetiu o fracasso de seus predecessores, fugindo a um combate direto com as forças da UNITA. Posteriormente, Luanda substituiu o fracasso, qualificando a missão aliada de ataque de pilhagem, destinado a impedir a declaração de uma "república socialista negra" controlada pela UNITA. Entrementes, um ataque contra a FNLA também fracassou; teve igualmente o efeito de cimentar uma aliança oficial entre a FNLA e a UNITA. Os contratempos com o MPLA são outras preocupações para os soviéticos, e mais diretamente para os cubanos. A mais séria dificuldade ocorrida com Agostinho Neto foi criada por uma facção dissidente chefiada por Nito Alves, ex-Ministro do Interior, em fins de maio de 1977. O quase vitorioso golpe, que teve por cenário as ruas de Luanda, envolveu, além de Nito Alves, membros do Estado-Maior do Exército, do Gabinete e dos governos provinciais. Os "fracionalistas" anti-Neto foram derrotados por tropas cubanas que atuavam sob ordens diretas de Havana. A consequência foi uma dependência maior de Agostinho Neto para com os cubanos, à guisa de uma guarda pretoriana, bem como severas depurações dentro das fileiras do MPLA, reveladas inicialmente em janeiro de 1978.

Todavia, um acontecimento ajustou-se às esperanças e expectativas cubanas.

Em dezembro de 1977, o MPLA realizou o seu primeiro congresso partidário, ao qual assistiram personagens importantes, como Raul Castro e Andrei Kirilenko, o homem que, de acordo com insistentes rumores, seria o sucessor de Leonid Brezhnev em Moscou. Foi um assunto comunista genuinamente ortodoxo, em que o Castro mais moço batizou o MPLA, em nome do proletariado internacional, com essas palavras: "Nesta grande reunião, a vanguarda (o MPLA), de maneira lúcida, criativa e firmemente reta, está cumprindo o imperativo histórico de transformar-se num partido marxista-leninista".

Neste congresso, então, e com as bênçãos oficiais de Moscou e Havana, o MPLA ascendeu de um mero movimento anticolonialista a um acreditado partido socialista. Isto significa que, quando o MPLA conquistar toda a Angola, se conseguir, o país estará totalmente dentro do campo soviético.

Os Problemas do Zaire e da Namíbia

Isto deixa ainda, entretanto, o problema dos chamados estados santuários — Zaire e África do Sul (ou, para sermos precisos, o seu protetorado da Namíbia). O Zaire apresenta o problema imediato, mas, talvez, também o de mais difícil solução. O regime do Presidente Mobutu não é apenas anticomunista, mas também partidário do FNLA. Por causa dessa sua posição, já foi punido com duas invasões da província de Shaba levadas a cabo por irregulares catangues vindos de Angola — a primeira em março de 1977 e a segunda em maio de 1978. A primeira incursão foi frustrada pela chegada de unidades marroquinas, apoiadas pela logística francesa e dinheiro saudita. No segundo episódio, os invasores foram expulsos por pára-quedis-

tas belgas e franceses. Entrementes, o papel cubano continua um tanto ou quanto obscuro e ambíguo.

Em ambas as ocasiões, declarou o Presidente Mobutu que os cubanos tinham adestrado e liderado os catangueses, mas o líder do Zaire não pôde apresentar nenhuma prova incontestável — por exemplo, prisioneiros ou cadáveres cubanos. Funcionários norte-americanos convenceram-se de que, em ambos os casos, os cubanos pelo menos treinaram e equiparam as forças invasoras.

Em todo caso, a invasão de maio de 1978 provou o erro das expectativas que se seguiram à fracassada incursão de abril de 1977. Pretende-se, então, que a ameaça tinha passado e que, portanto, nada era preciso fazer para prevenir um segundo episódio. Reforçou esta noção certa má interpretação de uma advertência de Cuba no assunto (os irmãos Castro negaram, publicamente, em pelo menos quatro ocasiões, que Havana estivesse de algum modo envolvida). Conscientes das sensibilidades africanas e dos temores ocidentais, sabiam os cubanos que ajudar abertamente um cliente a invadir um oponente vizinho era um negócio arriscado. Todavia, uma província de Shaba "independente", de fato dependente de Angola, seria de grande vantagem para Havana e Moscou. No processo, o hostil regime de Mobutu seria derubado, o refúgio do FNLA destruído e, de maneira geral, promovida a imagem do marxismo como a "onda do futuro" na África. A Namíbia é um difícil problema por dois motivos. Primeiro, a OPASO não se mostrou eficiente como força militar. Segundo, o protegido de Cuba enfrenta um formidável adversário — a África do Sul (e, ocasionalmente, a UNITA) —, um fato que se tornou manifesto com o reide da África do Sul con-

tra as bases de "Moscou" e "Vietnã" da OPASO, em princípios de maio de 1978. No entanto, Havana continua a trabalhar por uma Namíbia livre da influência sul-africana — sobretudo livre da presença militar da África do Sul. E, nesse sentido, Cuba apoia a OPASO como o "único representante legítimo" do povo namíbio — um apoio que se estende bem além da simples retórica das Nações Unidas.

As Perspectivas Para Angola

Depois de três anos, Angola está longe da pacificação; mas, com o contínuo e crescente apoio do MPLA, terá condições de sobreviver — em última análise, talvez, por sua própria conta. O êxito dependerá da coesão interna do MPLA, do que fizerem seus inimigos angolanos e do futuro curso dos acontecimentos no Zaire e Namíbia. O resultado em todo caso, é ainda muito duvidoso.

Entretanto, o custo para Cuba de seu envolvimento tem sido elevado, mas tolerável. Havana sempre se recusou a prestar qualquer informação acerca desse assunto. Entretanto, em julho de 1977, o Ministro do Exterior da UNITA, Jorge Sangumba, disse que ascendia a 3 mil o total de cubanos mortos, desde 1975. De todas as facções contendoras em Angola (inclusive o MPLA), é a UNITA a mais digna de crédito, e, assim, a declaração de Sangumba pode ser aceita como razoável. Ainda que 3 mil baixas não se considerem excessivas — em comparação, por exemplo, com as perdas norte-americanas na Guerra do Vietnã —, esta cifra poderá ser estarrecedora para um país cuja população total é inferior a 10 milhões de habitantes.

Isto nos leva a fazer mais uma pergunta: Por que se mostram os cubanos

dispostos a sofrer tais baixas — a servir ostensivamente de "bucha para canhão" para os soviéticos e o MPLA? Não pode rejeitar-se totalmente a possibilidade de um elemento da presença cubana em Angola ter algo que ver com um pagamento em sangue à União Soviética de serviços prestados no passado. Tem-se também que considerar o significado específico de Angola na concepção mais ampla de Havana sobre a África. O que pode ter feito de Angola algo importante para as vistas cubanas é que o país representa não só o cenário da primeira grande aventura de Cuba na África, mas o cenário de uma aventura levada a cabo pelos cubanos quase sozinhos (muito embora com o apoio logístico soviético). A liderança cubana tem insistido em que a decisão de intervir em Angola foi de Havana e não de Moscou. Embora tal reivindicação fosse esperada, há alguns indícios em sua defesa. Carlos Rafael Dominguez, Ministro do Exterior de Cuba, declarou numa entrevista desconcertantemente franca:

"É evidente que temos estreito relacionamento com os russos. Mas, quando inicialmente enviamos tropas para Angola, não nos fiamos da possível participação soviética na operação. Demos início à operação de maneira arriscada, quase improvável, com um grupo de pessoas comprimidas em um navio e nos nossos aviões ingleses *Britannia*.

Mais tarde, a operação foi coordenada com os russos, que começavam a enviar suprimentos militares para ajudar o governo do Presidente Agostinho Neto em Angola. Porém, tudo começou como uma operação puramente cubana."

Os fracassos de Castro na América Latina, suas iterações do "dever internacionalista" de Cuba durante a Guerra no Vietnã, juntamente com o seu imodera-

do senso de auto-importância, foram motivos suficientes para levar seu país a Angola, em 1975. Esses motivos devem continuar mantendo os cubanos em Angola, por mais algum tempo, obstando improváveis contingências de um desastre militar ou uma firme réplica dos Estados Unidos. Mas, abrir um nicho pessoal em Angola é uma coisa; entalhar outro no Chifre da África é coisa bem diferente.

O Cumulativo Envolvimento Cubano no Chifre

A Etiópia é a segunda frente de Cuba na África. Entretanto, ao contrário de sua rápida e dramática entrada em Angola, a presença cubana no Chifre evoluiu lentamente, até fins do inverno de 1978, quando houve um rápido desenvolvimento militar. Distintamente do que aconteceu em Angola, as ações cubanas no Chifre até aqui alcançaram claro êxito. Todavia, é mais difícil estabelecer relações entre os interesses cubanos no Chifre e a estratégia soviética. Mais uma vez, cumpre perguntar: Por que os cubanos? Que vantagens oferecem eles?

Os cubanos têm sido meticulosos no anunciar essas vantagens. Cuba é um país não-alinhado — embora, quando interrogado, não se desculpe o regime de Havana de seu relacionamento especial com a União Soviética. Cuba é profundamente anti-racista. Que mais poderia ser, admitida a sua população "latino-africana"? Cuba é um pequeno país, com poucos recursos, exceto a firme determinação de cumprir o seu "dever proletário". Comodamente, podem deixar-se de lado essas agressões, mas elas têm sido amplamente aceitas na África situada abaixo do Saara. Abertamente, apenas os regimes anticomunistas, como o

do Zaire (e, ultimamente, por motivos óbvios, também o da Somália), têm criticado severamente os motivos e presença de Cuba.

Todos esses temas, evidentemente, repassaram a campanha de Cuba na África. No Chifre, Havana teve mais um desses temas — Cuba ali chegou, desinteressadamente, para ajudar uma vítima da agressão, a Etiópia, e teve êxito em seu empreendimento. Certamente, nenhum observador objetivo poderia rotular a campanha em Ogaden, em fevereiro e março de 1978, com outro qualificativo que não fosse brilhante. Ousada no planejamento e impiedosa na execução, foi um exercício de vitoriosas operações bélicas no deserto, dignas de um Rommel ou de um Montgomery.

Inicialmente, todavia, o papel de Cuba no Chifre não aspirava a sua atual magnitude. De fato, esse papel foi pequeno, até começos de 1978 — em contraste com o papel desempenhado em Angola, onde as forças cubanas dominaram o cenário, desde o início da intervenção do bloco soviético.

Contudo, o envolvimento de Cuba no Chifre não tem sido apenas mais cumulativo, senão também mais complexo. Em Angola, foi relativamente simples a tarefa: instalar o regime de Agostinho Neto e derrotar os seus inimigos pela força das armas. No Chifre, Cuba fez uso da força e da conciliação na busca dos objetivos soviéticos e cubanos.

Esses objetivos são fáceis de enunciar, mas difíceis de executar. Incluem: (1) Uma Etiópia unida e pacificada, controlada por um regime marxista dependente; (2) uma Somália restaurada às fileiras das nações progressistas (isto é, pró-soviéticas) e não-alinhadas; (3) a virtual incorporação de Djibouti, completando uma cadeia de portos ao longo do

Mar Vermelho, de Massawa a Berbera, à disposição da Marinha Soviética. Ligada a Aden, no sul do Iêmem, esta cadeia daria à União Soviética um domínio quase total das vizinhanças meridionais do Mar Vermelho. Atingir esses objetivos, deixando à margem os mais ambiciosos objetivos de desestabilizar os tradicionalistas estados árabes na região do Golfo Pérsico, exigiria um sustentado esforço que abrangesse mais do que o simples uso da força militar.

O primeiro passo dado por Havana além do papel de simples auxiliar da União Soviética confirmou que os cubanos e soviéticos sabiam disto, desde o começo. Em março de 1977, durante sua incursão através da África, tentou Fidel Castro atuar como mediador entre a Somália e a Etiópia. Em suas andanças entre Addis Abeba, Mogadishu e Aden, o líder cubano vendeu uma velha idéia soviética — uma federação da Etiópia, Somália, Iêmem (norte e sul) e Djibouti. Rejeitado pelos somalis, o esquema teve apenas uma debilíssima aprovação dos etíopes. Embora os somalis tenham condecorado o presidente cubano com a ordem da Estrela da Somália, Castro não demorou a expressar sua preferência pelos etíopes. Elogiou a "revolução" (isto é, o golpe do Coronel Mengistu, a 3 de fevereiro de 1977) como um "acontecimento verdadeiramente histórico" e declarou sua solidariedade e disposição "a cooperar com a Revolução Etíope".

Tendo uma sentença transformado uma revolta de quartel em revolução, Castro, em entrevista concedida aos editores do *Afrique-Asie*, e nos termos mais candentes, deu mais um pequeno passo no elogiar o líder da revolução. Entre outros atributos, Mengistu foi "calmo, inteligente, bravo e ousado", com "excepcionais qualidades de um líder re-

volucionário". E, significativamente, Castro acrescentou: "Acreditamos em que o êxito e a consolidação da Revolução Etíope é de extrema importância para a África. Creio que Mengistu é um verdadeiro revolucionário e que a revolução que ora se leva a cabo naquele país é uma verdadeira revolução".

O Desenvolvimento Militar Cubano na Etiópia

O vibrante apoio dado por Castro aos etíopes, em maio de 1977, coincidiu com a chegada do primeiro contingente de assessores militares cubanos (cerca de 50), seguido de 30 tanques soviéticos T-34. Esses primeiros cubanos treinaram os etíopes no uso dos blindados soviéticos, que foram suplementados, em junho, com 80 tanques T-54, consideravelmente superiores. Acompanhou este envolvimento inicialmente modesto (que Castro caracteristicamente negou, esta vez em visita aos parlamentares norte-americanos, em princípios de junho) um regular aumento do fluxo de forças cubanas.

O desenvolvimento militar começou a sério, em setembro, depois do rompimento com a Somália. Até então, não havia em Addis Abeba mais do que umas poucas centenas de assessores cubanos. Nos dois meses seguintes, seu número dobrou, e dobrou novamente, de modo que, em fins do ano, já se contava na Etiópia um total de cerca de 1.000 cubanos. Depois de 1º de janeiro de 1978, acelerou-se consideravelmente a chegada de cubanos ao Chifre. Somente nos dois primeiros meses de 1978, o número aumentou consideravelmente, chegando a 10 mil. Em março, 7 mil soldados foram recebidos no país, elevando o total geral de cubanos ali estacionados a 17 mil.

Aviões Ilyushin 62 e Boeing 707 fornecidos pelas linhas aéreas etíopes, em vôos secretos de Havana e Luanda para Addis Abeba, possibilitaram esse assombroso fluxo de homens e materiais, num período de três meses. Quantos soldados cubanos foram transferidos de Angola ainda não se sabe, mas eles respondem por grande percentagem da primitiva concentração militar, em fins de 1977. Todavia, contingentes posteriores chegaram diretamente de Havana, onde o Ministério da Defesa convocou unidades de reserva, em começos de fevereiro.

Por conseguinte, no espaço de dez meses, Havana conseguiu transferir com êxito para uma distante frente africana formidável força militar — uma força equipada para desempenhar as mais diversas missões. Diga-se a bem da verdade que tais forças foram suplementadas com milhares de soviéticos e nacionais de outras nações do Pacto de Varsóvia (Alemanha Oriental e Bulgária, em particular). Todavia, foram os cubanos que agüentaram o impacto desse esforço.

O papel que as forças cubanas representaram é histórico. Em 1977, Addis Abeba foi assediada por uma variedade de forças não mais sob seu controle. Para sustentar a periclitante posição militar etíope eram necessárias quatro coisas importantes: Treinamento, artilharia, apoio aéreo e uma boa infantaria. (Além disso, uma brigada cubana aerotransportada entrou em ação na batalha crítica final pela posse de Ogaden.) Nos primeiros meses do envolvimento cubano, os assessores castristas ensinaram os etíopes a usar o armamento soviético — tarefa importante, já que o Exército Etíope tinha treinamento norte-americano. Mas, em novembro de 1977, quando o fluxo de armas soviéticas se tornou considerável, a missão cubana mudou subs-

tancialmente. Em fins de 1977, unidades selecionadas cuja habilidade estava na artilharia pesada puseram-se em movimento, para missões de treinamento e combate. Como explicou mais tarde Fidel Castro, as unidades de artilharia consistiam em um misto de cubanos e etíopes, fazendo-se as comunicações entre eles por meio de "sinais e números" — aparentemente com êxito.

Nem mesmo descuidou Havana da Força Aérea da Etiópia. Desde os primeiros anos 70, vinham os cubanos treinando os sul-iiemenitas na arte de voar os MIG-17. Estendeu-se tal treinamento aos etíopes, que passavam do relativamente simples F-5 para o mais sofisticado MIG-21. Além disso, há indícios (mas, nada de conclusivo) de que os cubanos participaram das missões de bombardeio em Ogaden e fazem o mesmo agora na Eritréia.

Todavia, a principal tarefa militar dos cubanos era contribuir para recapturar Ogaden das forças apoiadas pela Somália — forças que vinham mantendo a região durante mais de sete meses. A ofensiva etíope começou em janeiro de 1978 e culminou em princípios de março com a ocupação de Jijiga, o último importante bastião somali. No dia 9 de março, em entrevista coletiva com a imprensa, anunciou o Presidente Carter que as forças somalis tinham deixado a Etiópia, e acrescentou: "Logo que as forças etíopes tenham restabelecido o controle de seu território, a retirada da presença de combate soviética e cubana deve começar".

No entanto, as forças cubanas e soviéticas não se retiraram nem de Ogaden nem de qualquer outra parte da Etiópia. Uma das razões é que os etíopes ainda não são os senhores de Ogaden. Embora as forças regulares somalis te-

nam saído da área, irregulares da chamada Frente de Libertação da Somália Ocidental continuam fazendo incursões em pequena escala contra as posições etíopes e cubanas.

Essas incursões provocaram uma série de advertências de Addis Abeba. O governo etíope prometeu represálias, inclusive uma invasão da própria Somália, se as ações guerrilheiras não cessassem. Disse o Coronel Mengistu: "Seremos forçados a levar a luta através da fronteira". Tal ameaça contrasta agudamente com a série de promessas de não-invasão que fez Mengistu aos Estados Unidos, em fevereiro de 1978. Pelo menos por enquanto, são poucas as probabilidades de concretização de tal ameaça: nem os soviéticos nem os cubanos parecem dispostos a aceitar os riscos envolvidos numa clara transgressão das fronteiras. Todavia, as circunstâncias podem mudar. O grande prêmio de Berbera está acenando a menos de 200 milhas de Jijiga. Entrementes, Mengistu estabeleceu claramente os motivos para esse possível movimento — motivos que seus aliados podem considerar nos foros internacionais.

Insurreição na Eritréia

A derrota de um antigo aliado (Somália) não completou a agenda das tarefas cubanas no Chifre da África: havia ainda o problema da revolta na Eritréia. Este problema não é novo nem simples.

Revoitas convulsionam a Eritréia há dezessete anos. Segundo dizem, três grupos rebeldes controlam 90 por cento do campo (que, ao contrário de Ogaden, oferece perfeito terreno para a guerra de guerrilhas), com as sitiadas guarnições etíopes mantendo apenas as grandes cidades, inclusive Asmara, capital da Eritréia, e os portos de Massawa e Assab, no Mar Vermelho.

Todas as facções rebeldes fizeram quatro grandes exigências: (1) Imediata suspensão das hostilidades; (2) retirada das tropas etíopes e cubanas; (3) um plebiscito, patrocinado pelas Nações Unidas e pela Organização de Unidade Africana, que ofereça ao povo da Eritréia a opção de independência, e (4) imediato reconhecimento etíope do novo governo da Eritréia.

Addis Abeba não tem nenhum interesse em atender a qualquer dessas exigências. Naturalmente, Mengistu está determinado a empreender uma guerra de conquista total, se não de aniquilamento (há menos de três milhões de eritreus). Mengistu tornou isto perfeitamente claro, em Havana, na sua retórica pública. Depois de acusar os grupos rebeldes de "agentes do imperialismo" e da "reação árabe", asseverou Mengistu que, a despeito de suas provocações, seu governo tinha tentado solucionar o problema por meios pacíficos. Enquanto isso — continuou —, os rebeldes da Eritréia intensificaram a sua "conspiração contra o povo". Mengistu concluiu com uma pavorosa tirada, que deve servir de apresentação antecipada de acontecimentos futuros:

"...as grandes massas da Etiópia estão decididas a intensificar a sua justa luta revolucionária deflagrada para destruir a conspiração antipopular. E estamos certos de que as massas de Cuba estarão ao nosso lado em nossos esforços pela paz e em nossa luta de classe revolucionária."

Todavia, o que não se sabe muito claramente é se Havana e as massas cubanas estão preparadas para essa luta. No mesmo discurso em que se ouviu o belicoso discurso de Mengistu, Castro não mencionou a Eritréia, mas, em um parágrafo

de sua oração, insinuou a sua solução para o problema:

"A Etiópia também precisa de paz interna. Portanto, Cuba apoia igualmente uma solução pacífica e justa para a questão nacional, uma solução baseada nos princípios leninistas e conformada dentro da estrutura de um estado revolucionário etíope que salvaguarde, como um direito inalienável, a sua unidade, integridade e soberania."

A diferença na ênfase não foi um acidente. Mais tarde, o comunicado conjunto não fez referência à Eritreia, embora o longo documento dissesse muito sobre cada tópico imaginável, inclusive um parágrafo de apoio à "justa reivindicação" feita pelo governo comoro de restauração da Ilha Majota — uma questão que, usualmente, mal sobressai nos discursos diplomáticos fora das Ilhas Comoros. Indicou a omissão séria diferença entre os cubanos e os etíopes.

Mais recentemente, em junho de 1978, numa transmissão radiofônica de Addis Abeba, Mengistu analisou a situação eritreia. Depois de afirmar que as negociações tinham fracassado (negociações em que "alguns países socialistas" tentaram ajudar), o líder etíope pediu a todas "as forças socialistas, democráticas e progressistas" que colaborassem para acabar com a secessão — um claro convite aos soviéticos e cubanos para levar a cabo o seu dever internacionalista. Até agora, entretanto, os cubanos mantiveram silêncio sobre o alcance de seu esforço na Eritreia.

O Dilema Cubano na Eritreia

Podemos entender a posição de Cuba (ou a sua não-posição) na Eritreia. Podemos entendê-la, e, possivelmente, até mesmo simpatizar com ela. Por um lado, um chegado aliado está pedindo

mais assistência armada. Por outro lado, o atendimento desses apelos cria sérios problemas para Fidel Castro — problemas que não têm respostas imediatas. O primeiro seria o preço de tal assistência. A destruição das guerrilhas eritreias seria bem mais dispendiosa do que a campanha de Ogaden, já que os insurgentes eritreus somam agora 45 mil soldados, protegidos por um terreno acidentado e por uma população simpática, e têm ainda o apoio dos regimes árabes radicais e moderados. Sua destruição custaria elevadíssimo número de mortos entre as forças repressoras, e não seria provável uma vitória sem grande esforço cubano.

O custo potencial, todavia, não termina aí. Cuba provocaria a hostilidade de estados árabes radicais como a Argélia, o Iraque, a Síria e, talvez mesmo, a Líbia — regimes com os quais Fidel Castro cooperou com entusiasmo, no passado. Os países africanos muçulmanos abaixo do Saara poderiam juntar-se ao coro da condenação e tornar-se uma embaraçosa participação. Há ainda uma outra razão para a relutância de Havana, o que uma figura da importância de Carlos Rafael Dominguez deletreou numa entrevista com o *Observer*:

"Ajudamos os eritreus em sua luta pela autodeterminação, dos tempos de Haile Selassie para a frente. Somos de opinião que deve haver alguma solução política para o problema da Eritreia, bem como conversações entre o governo eritreu e o governo central."

Entretanto, o arroubo da decisão de Fidel Castro não deve conduzir à conclusão errônea de que os cubanos ainda não atuaram na Eritreia. Ao contrário, sua presença tem-se feito sentir desde dezembro último, pelo menos. O papel de Cuba é relativamente pequeno, mas

suas forças comprometam-se a: (1) Guarnecer o perímetro em torno de Assab — um elo vital na logística soviético-cubana; (2) dirigir os bombardeios contra aldeias eritréias, o que aconteceu na primeira metade de 1978, e (3) assessorar as unidades de artilharia pesada na defesa de Asmara. Considerável controvérsia tem cercado a questão de saber quantos cubanos voltaram a ser mobilizados, depois da conclusão da campanha de Ogaden. As estimativas variam entre algumas centenas e seis mil. Porém, tais estimativas não têm muita importância numa situação fluida, sujeita a rápidas mudanças; uma vez que se tome uma decisão.

Até aqui, houve apenas um preliminar teste de armas etíope, iniciado, em maio do ano passado, com a tentativa da guarnição de Asmara para irromper da sitiada cidade. Não obstante, a nova campanha etíope, que foi truncada pela estação chuvosa de junho, não se mostrou mais bem sucedida do que os prévios esforços militares.

No outono de 1978, podiam ser tentadas as seguintes operações: (1) Conquista de grandes cidades na Eritreia; (2) abertura da rodovia Asmara-Massawa, e (3) apreensão dos suprimentos da Eritreia recebidos via Sudão. A última operação exigiria grande esforço militar, em que se mandariam colunas blindadas para o norte, de Gondar para a cidade de Om Ager, em poder dos eritreus. Tal operação não seria fácil e, certamente, exigiria a participação de unidades cubanas. Em todo caso, é provável que, em algum ponto, os cubanos sejam chamados a colaborar na pequena lista de objetivos que precisam ser alcançados, antes de o Exército Etíope poder movimentar-se para o território eritreu.

Todavia, mesmo a execução dessa pequena lista de objetivos pode gerar considerável atrito entre os aliados, especialmente no caso de haver grande número de baixas. Por outro lado, também não se sabe com certeza se os soviéticos e cubanos estão dispostos a tornar o regime de Mengistu completa e confortavelmente seguro de seus inimigos. Além de difícil, a missão também reduziria a dependência de Mengistu para com o bloco soviético. A verdade é que os ideólogos de Moscou e Havana não podem confiar inteiramente em um militar em Addis Abeba, cuja retórica política é ainda mais primitiva do que a de Fidel Castro, em 1959. Além disso, ao contrário do MPLA em Angola, os etíopes, ao que parece, não estão progredindo muito em seus esforços encaminhados a fundar um partido de estilo comunista. Realmente, a única conquista neste campo foi a destruição de vários partidos existentes, um dos quais, presume-se, teve o apoio de Cuba.

As Implicações Dominantes

É assombroso que uma pequena ação externa desempenhe um papel tão grande, ao ponto de afetar o futuro de um vasto continente. Desconcerta ver que este papel é animado por um *script* radical e anti-ocidental. No entanto, depois de quatro anos de contínuo esforço, muitos aspectos do papel de Cuba na África continuam ainda abertos ao debate.

A controvérsia acerca dos pormenores e nuances não pode, não obstante, ocultar o simples fato ou a significação da magnitude da presença militar cubana no Continente Africano. A estratégia de Havana pode estar aberta à investigação, mas não ao descrédito. O êxito da estratégia não é completo, mas as

onjeturas acerca de seu futuro fracasso não se alicerçam em nenhuma evidência.

Para sermos exatos, os batalhões de combatentes proletários internacionais de Fidel Castro estão longe de serem invencíveis. Não foram ainda seriamente testados. A Eritreia poderá prover esse teste. Entrementes, os Estados Unidos não chegaram nem mesmo a um esboço de contra-estratégia, lançando

mão, em vez disso, da retórica, que varia de tom, em conformidade com a audiência e a conveniência. Portanto, até que o governo norte-americano tome a sério os resolutos esforços de resolutos adversários, não terão os Estados Unidos muitas oportunidades de rivalizar mesmo com a pequena Cuba na influência do futuro da África.

O Autor é Diretor de Estudos Latino-Americanos no Center for Strategic and International Studies (CSIS), da Universidade de Georgetown, e membro da Junta de Diretores do Conselho de Segurança Interamericana. Consultor do Senado dos Estados Unidos sobre os Tratados do Canal do Panamá e do American Enterprise Institute for Public Policy Research, o Dr. Fontaine já publicou ou editou numerosas obras, inclusive Latin America's New Internationalism: Its Changing Role in World Affairs (1976), Latin America: Struggle for Progress (1977) e U.S. - Cuban Relations: A New, New Look (1977).